



## “ENTRE QUATRO PAREDES”: O EMPREENDEDORISMO FEMININO ATRAVÉS DA PESQUISA DE CAMPO

**Maele Moreira Sandes Cavalcanti**  
Graduada em História – UFAL  
maele.cavalcanti@delmiro.ufal.br

### RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre o empreendedorismo feminino delmirenses, no qual trazem as diversificadas nuances de 05 empresárias que possuem empresas ou trabalhos informais localizados no sertão de Alagoas, especificamente em Delmiro Gouveia. Compartilhando suas principais ideias ou não compreensões sobre o ambiente de trabalho e o mercado empresarial feminino, resultando também nas compreensões sobre relações entre o espaço, poder, trabalho, feminismo e empoderamento. A metodologia aqui utilizada é a análise quantitativa de dados entrevistas realizadas em 2019 por meio da História Oral, pesquisa de campo, e discussões teórico-metodológicas utilizou-se de Perrot (1998, 2005, 2012), Foucault (1996), Jonathan (2011), Knox (2010), Albuquerque (1999), Marconi e Lakatos (2011), Sohiet (2011), Correia (1998), Alberti (2004), Muraro (1992), na qual tentam refletir cada dia mais o papel das mulheres a frente de empresas e para além de sua história no tempo, não somente no sertão, mas também, sua trajetória. Os resultados obtidos aqui fizeram entender que a mulher empreendedora cada dia mais, mesmo que, inconscientemente buscam seu espaço e melhores igualdades em todos os aspectos socioculturais que a constroem enquanto mulheres visionárias em um sertão cheio de estereótipos ainda recorrentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empreendedorismo, mulher, História Oral

### Introdução

As pesquisas sobre mulheres empreendedoras têm amadurecido consideravelmente, distinguir-se um campo de estudo dentro da área de empreendedorismo. Esses trabalhos são, na pluralidade das vezes, estudos quantitativos, que tem se crescido em diferentes lugares. Alguns buscam as querelas entre o modo de empreender desenvolvido por homens e por mulheres, outros procuram características de desempenho e personalidade das empreendedoras, ou até ainda a explicação para o sucesso alcançado por nossas mulheres de negócios.



A presente pesquisa traz a importante reflexão sobre o empreendedorismo de mulheres delmirenses, considerando se há o reconhecimento da existência ou não das suas práticas por si mesmas, em suas narrativas de vidas. Foi também possível verificar que, apesar das diferenças de mundo (classe), idade e expectativa sobre as demandas empreendedoras, o objetivo de todas, podemos afirmar, em essência é a mesma. Trata-se do combate constante em seus variados ambientes de trabalho quando aprofundados e alinhados às diversificadas contribuições teóricas trazem a luz do trabalho feminino em debate, trabalhos de dupla jornada em sua maioria, entre o público e o privado e o dinamismo feminino empresarial. Ficam claras que nossas sertanejas sofrem do mesmo modo com a marginalização, mas, através de apontamento teórico/metodológico aqui realizado, começamos a criar novas pontes entre o singular e coletivo da cada uma (ideias compartilhadas nas narrativas) pontos principais a serem reconhecidos como importante, inclusive ‘a minha’ enquanto futura historiadora. Através da pesquisa de campo foi possível observar variadas formas de resistência feminina no alto sertão que possibilitam um cenário para além da sujeição que muito fora pregada as nossas sertanejas, são resultados de tais fatos que contribuíram para ampliação do novo campo de empresárias que são ou não oriundas de Delmiro, mas aqui se estabeleceram, mulheres delmirenses de coração, sejam pela forma do empreendedorismo.

Considera assim a importância que ao tentarmos nos lançar enquanto mulheres que têm sua própria história e modificam o espaço político e público, ponderamos fatores sobre as visões empreendedoras ou não, se compreendem e interligam-se ao feminismo de apropriada maneira. Evocamos o feminismo e suas equivalências essenciais. As escritas de nossas vidas produzem vozes e resistências, além de empoderamento, consciência de trabalho como uma reflexão dos variados perfis empresariais de nossas sertanejas. É, portanto, importante falar sobre empreendedorismo feminino porque é em função desta história de subjugação que a mulher luta contra tantos obstáculos na qualidade de empreendedora.

### **Desenvolvimento: Uma história geral ao encontro das nossas realidades**

Mulher empreendedora é, ao mesmo tempo, singular e histórica. Ela não é determinada pelas condições sociais e históricas, mas é capaz de elaborar sua subjetividade na geração de sentidos e significados em seus diferentes sistemas de



relação. (MONTEIRO; LIMA; OLIVEIRA; LOPES, 2017, In: Mulheres Empreendedoras: do anonimato à conquista plena, V.1. III JOIN)

O processo de lutas e explorações, nosso desaparecimento enquanto mulher tem uma carga extra, seja nas conotações ou no organismo cultural de uma sociedade em que o homem é o núcleo. Por mais que existam os ‘sujeitos excluídos na história’ (PERROT, 2005, p.11), que incluem tanto homens como nós, mulheres, nosso apagamento/silenciamento é mais profundo, seja pelo gênero, diferença étnico racial, categoria ou nas bases ideológicas patriarcais pregadas na maioria das sociedades.

Nossos corpos e histórias foram consideradas por muito tempo como domínios dos homens, antes de seu pai/irmãos que se transmite para o esposo/filhos, diferente do homem excluído que ainda se incumbe como a centralidade do modelo de lar com lugares intocados no eixo da família; amostras que não deixam de ser hierárquicos, mesmo para o sujeito que não tem centralidade no âmbito econômico e em domicílios populares das zonas pobres (proletários, negros, ou comerciantes populares). Uma das fundamentais autoras que trazemos para essa discussão é a historiadora Michelle Perott (1988).

A teoria da autora é proposta sobre a ótica da história social e marxista. Perrot foca nas bases divergentes através do sistema capitalista, ao trazer questões que desconstruem um papel imposto pelas bases patriarcais, discorrendo sobre os silêncios que são relegados às nossas vidas, se não fôssemos afastadas quase que totalmente fazer história. Entretanto, estamos para além dos rótulos: fomos e somos a força motriz das fábricas, trabalhando triplamente fora e dentro do lar. Assim como afirma a historiadora Rachel Soihet “[...] num movimento inverso ao das mulheres da burguesia muitas trabalhadoras preferiram manter-se no lar, perdendo o controle sobre as finanças do casal; ocorrendo, portanto, um retrocesso em relação à sua situação anterior”. (SOIHET, 1997, p. 290)

Para conceituar marxismo cito José D’Assunção Barros (2011), que delimita como uma estrutura dos estudos história econômica e também do meio material, ou melhor articulando, um materialismo histórico. Designado como marxismo em muitos das ocasiões, por seus historiadores, tendo ou não ligação direta com os estudos do Marx. Mas de forma geral, analisam todos os aspectos também tomando a projeção da análise social e bases o sistema produtivo.



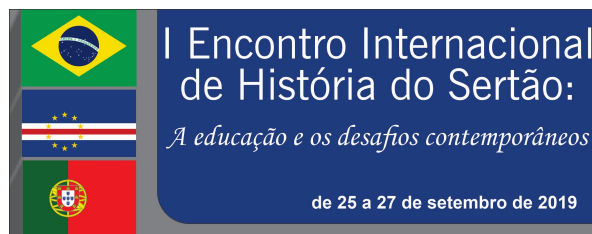
É importante também delimitar o que chamo de silêncio, para isso utilizo a síntese das obras de Perrot (2012). A autora alega que o silêncio é uma concepção e movimento dos sentidos (discursos ideológicos/ hierarquização sexual e econômica); ainda, na ligação do não-dizer, este que implicam como os excluídos da história, sistema de ideias adotada e pregada por não falar dos sujeitos. Para Perrot o não-dizer é algo que afirma e põe o patriarcado sobre o discurso de elevação e reafirmação de lugar de direito, ou seja, nós indivíduos padecemos fragmentações enquanto excluídas, para além das clivagens socioeconômicas, pois pouco nos é evidenciada a participação nos setores públicos, os quais são tidos como a principal temática do século na escrita. Perrot destaca também o silêncio como algo simbólico da sociedade deste período:

[...] O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem aos seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como água de uma inesgotável dor, da qual segundo Michellet, elas 'detêm o sacerdócio'. (PERROT, 2005, p. 9).

O cenário industrial de trabalho ou fora dele, também possuem condições ideológicas e discursivas das relações de poder para isso Foucault (1996) sintetiza também que as bases ideológicas positivistas, juntamente ao Estado não apenas querem o poder, mas que delimita o lugar do discurso, ou seja, ele não é apenas algo dado a quem ou o quer, ele obedece a uma forma catalisadora de discurso. Seja primeiramente discutido desde o século XVI através da ordem sexual (homem e o domínio do saber) e o poder sobre ele investido, e quem ele (discurso de poder) objetifica (nós mulheres).

[...] poderíamos procurar analisar um sistema de interdição de linguagem: o que concerne à sexualidade desde o 'século XVI até o século XIX; tratar-se-ia de ver não , sem dúvida, como ele progressivamente e felizmente se apagou; mas como se deslocou e se rearticulou a partir de uma prática da confissão em que as condutas proibidas eram nomeadas, classificadas, hierarquizadas, e da maneira a mais explícita, até a aparição inicialmente bem tímida, bem retardada, da temática sexual na medicina e na psiquiatria do século XIX; não são estes senão marcos um pouco simbólicos, ainda, mas se pode desde já apostar que as escansões não são aquelas que se crê, e que as interdições não ocuparam sempre o lugar que se imagina. (FOUCAULT, 1996, p. 61)

Sabemos que as relações de poder, a formação do Estado, o patriarcado, exerce controles e fatores que tentam a todo o momento tomar o que nos pertence por direito, a voz,



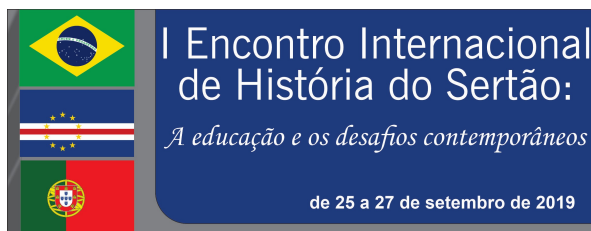
seja na escrita, na intelectualidade ou na história. Para além de uma fala de militância, trago aqui os fatores históricos, que foram tendenciosos e ainda continuam nos colocando a um lugar de coadjuvante para nossa essência e os conceitos principais.

Contudo, mesmo que aborde a pesquisa de campo dos dias atuais, ainda são observadas tais posturas de desigualdade de papéis sejam nos estudos realizados no século XIX quanto nos nossos dias atuais. A diferenciação dos papéis ainda é um perfil bem em destaque quando analisamos os perfis nas nossas entrevistadas, que poderemos analisar mais a frente deste artigo.

Agora quando se lançam para as desigualdades recorrentes delmirenses e trabalho são possíveis enxergar tais divisões de trabalho e relações de poder. Assim como afirma Cavalcanti (2009), ao considerar suas práticas empresariais diversificadas em um amplo mercado de trabalho enfrentados por nossas mulheres, mas que não são expressos na história delmirenses até então, a desigualdade tenta ser driblada. É imprescindível refletir sobre suas vozes no mercado de trabalho devendo levar em consideração todos os variados perfis e compreensão sobre o que atuam. Carecemos de pensar na importância social de cada uma, e nas novas narrativas para uma história de mulheres no alto sertão delmirenses e sua influência nos setores do mercado de trabalho específico.

Mas antes de tais questões pertinentes sobre o empreendedorismo feminino delmirenses, é imprescindível trazer o conceito de empreendedorismo e para isso utilizamos de Pombo (2003) em uma matéria escrita para o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE):

[...] O economista austríaco Joseph A. Schumpeter, no livro “Capitalismo, socialismo e democracia”, publicado em 1942, associa o empreendedor ao desenvolvimento econômico. [...] segundo ele, o sistema capitalista tem como característica inerente uma força denominada de processo de destruição criativa, fundamentando-se no princípio que reside no desenvolvimento de novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados; em síntese, trata-se de destruir o velho para se criar o novo. Pela definição de Schumpeter, o agente básico desse processo de destruição criativa está na figura do que ele considera como o empreendedor. [...]. Em uma visão mais simplista, podemos entender como empreendedor aquele que inicia algo novo, que vê o que ninguém vê, enfim, aquele que realiza antes, aquele que sai da área do sonho, do desejo e parte para a ação. Seguindo esse raciocínio, a professora Maria Inês Felipe, em seu suplemento Empreendedorismo: buscando o sucesso empresarial, defende a ideia de que o empreendedor, em geral, é motivado pela autorrealização e pelo desejo de assumir responsabilidades e ser independente. (POMBO, 2003, p. 1-2)



Assim como o Sebrae a Endeavor traz em um de seus artigos escritos em parceria, pela redatora Priscila Cestarolli intitulado *Lugar de mulher é nos negócios* (2016) publicado em ambas as páginas, abordou o aumento da mulher no mundo do mercado empresarial. Ao ressaltar os atributos da liderança feminina os dados do SEBRAE e do ENDEAVOR indicam a participação ativa das mulheres:

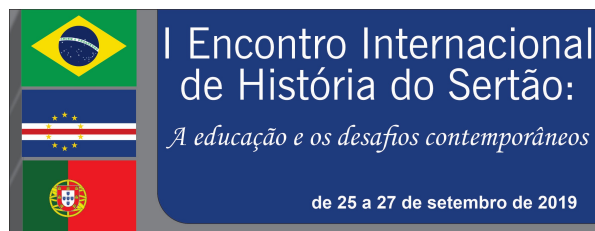
Nos últimos anos, o número de mulheres que começaram a empreender cresceu muito, tanto no Brasil como em outros países. Atualmente, cerca de 30% de todos os negócios privados do mundo são operados ou têm como idealizador uma mulher. Esse dado seria promissor, se não fosse por um fato: apenas uma pequena parcela dessas organizações consegue ser considerada de alto impacto[...] Mesmo com 80% dos empreendedores reconhecendo que muito ainda deve ser feito para que as mulheres sintam-se atraídas por cargos de liderança, infelizmente apenas 13% acreditam que essas mudanças irão realmente sair do papel. Esse desencorajamento no ambiente de trabalho é responsável pelo dado de que 43% das mulheres afirmaram que o medo de fracassar é o que faz com que elas não abram suas empresas, comparado com 34% dos homens. (CESTAROLLI, 2016, p. n.p.)

Apesar de tal desenvolvimento mundial da atuação feminina nos negócios, ainda é extremamente precária trazer isto para a realidade regional, podendo então tomar vertentes mais limitadas sobre o empreendedorismo feminino que trazem nossas empresárias assertivas.

Então partindo da visão que empreendedorismo feminino tenta quebrar com tais desigualdades, pouco a pouco se tornam notória sua seriedade, mas ainda é pouco trabalhada e problematizada quando falamos de uma história material socioeconômica, o qual nossas mulheres são inseridas de forma desigual, mas que não será aprofundada para debate em nossa pesquisa, mas que são lacunas aos poucos trazidas nas pesquisas científicas.

## **Metodologia**

A metodologia de pesquisa acompanha a história oral como principal aporte teórico, juntamente com outras técnicas de pesquisa-ação, a exemplo das entrevistas com perguntas abertas seguindo um roteiro e a análise qualitativa dos dados da pesquisa de campo. Desta maneira, ao trazer as vozes que não estão escritas e muito menos se fazem maciça na história, tentaremos discorrer sobre histórias apagadas não somente do cenário delmirense, mas enquanto sujeitos de toda a história. Como afirma a historiadora Verena Alberti (1996), assim



como a autobiografia, a história oral traça a história do sujeito, mas com a ação de dois sujeitos, o entrevistado e o entrevistador.

De que forma podemos incorporar essa distinção à discussão sobre a especificidade da história oral? Ora, do mesmo modo que uma autobiografia, podemos dizer que uma entrevista de história oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações implicadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Assim, mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico – sobre ações passadas. (ALBERTI, 1996, p. 4)

O conceito de história oral abordado por Alberti tem o mesmo valor da fonte escrita bibliográfica. Para Alberti, a história oral não coloca somente a voz do entrevistado, mas ela tem um papel de reconhecer fatos que muitas vezes passam despercebidos, não podendo delimitar a entrevista ou a história oral como algo ficcioso, pelo contrário, ela não remete a retorno do fato, mas é uma das possibilidades e versões históricas.

Tomando também como base da história oral que se utiliza da *entrevista*, podemos complementar também, segundo Marconi e Lakatos (2011), que a medida que se utilizam dessa técnica tem que ocorrer um planejamento e se preparar para substituir contrários, mas ela pode oferecer: “obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 83)

### **Pluralidade e Perfis de nossas empreendedoras no cenário delmireense**

No intuito de compreender como o empreendedorismo feminino lida com seu espaço e lugar de fala, incluímos como informações do trabalho entrevistas com cinco mulheres de díspares setores. Isso não se deu com o escopo de confrontar e nem delimitar o perfil de mulheres empreendedoras no sertão delmireense, mas com, a finalidade de trazer sua voz enquanto espaço e resistência do feminino e de feminismos concebidos ou não.

O primeiro perfil é da empreendedora Maria de Lourdes de Andrade Cavalcanti de 74 anos, negra, opera no ramo de hortifruti na feira livre, trabalha há mais de 30 anos no ramo, mãe de 07 filhas e filhos, casada. A pernambucana descobriu no interior de Alagoas uma das portas para sobreviver e ajudar dentro do domicílio com o trabalho exercido na feira livre.



A segunda entrevistada também é da feira livre e tem 45 anos de idade, mãe solteira, negra, Helia Beserra Cavalcanti, pôs-se a trabalhar após ver a intensa luta da sua mãe, comerciar na feira desde os nove anos de idade, traz em si poucas expressões, mas, todas as motivações e forças como mulher autônoma, que visa no trabalho a essência da vida.

A terceira entrevistada é a empresária Jacira Carvalho da Silva Bezerra, a alagoana ganhadora de múltiplos prêmios, a exemplo do título de Cidadão Delmirense em 2018, entre outros voltados ao ramo dos negócios, embora com 68 anos atua em diversos empreendimentos restaurante e eventos. A gestora é viúva, mas origina em si uma postura da família como centralidade.

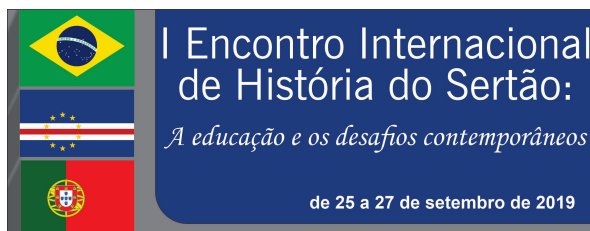
A quarta entrevistada Maria Vânia Araújo Silva Oliveira, de 45 anos atua na área de papelaria como gestora financeira, casada, mãe de dois filhos, formada inicialmente em Licenciatura em Pedagogia e pós-graduada em Educação, trabalhou muitos anos na área da educação, mas se viu desafiada a tomar outros rumos, este que a levou ao comércio gráfico, ao lado do esposo.

A quinta entrevistada é a Estelaine Crisóstomo Patrício de 46 anos, mãe, recém separada, com três filhos, age como gestora da área de pisos e revestimentos cerâmicos. Ester, como é popularmente conhecida, recebeu prêmios com sua empresa, em 2018, de destaque em negócios, um dos mais importantes do Estado para a parte empresarial. A empresária que veio do Espírito Santo se deparou em Delmiro Gouveia algo que impulsionou sua vida e carreira. Assim como afirma Pinsky sobre as mulheres que saem de outras cidades em busca de novas carreiras :

Desde sempre [...] têm migrado, frequentemente na companhia de familiares, amigos e conhecidos em busca de melhores condições de vida e trabalho; mas migram também sozinhas, não só à procura de emprego, mas de independência, de casamento, ou até para fugir de discriminação e violências. (PINSKY, 2013, p. 169)

Vale destacar também que, de todas as entrevistadas, somente Helia e Jacira são naturais de Delmiro Gouveia, as demais não. Maria de Lourdes é pernambucana, Maria Vânia é natural de Água Branca- AL, Estelaine Crisóstomo é do Espírito Santo. Tal dado implica adoção de lugares e uma história de mulheres que migram por melhorias de vida vindo ou não com seus companheiros. A migração feminina para o interior visa um êxodo contrário, ou





seja, saindo de meios urbanos maiores e buscando crescimento e estabilidade no interior, mas cheio de oportunidades.

As empresárias abraçaram Delmiro Gouveia como seu lar e lá residem e exercitam suas atividades empresariais. No empreendedorismo dessas mulheres também se destacam grandiosas e englobam uma grande categoria de negócios que movem a economia da cidade e da região. É necessário destacar que cada uma das entrevistadas trouxe diferentes formas e concepção de seu espaço, gênero, feminismo e empreendedorismo;

Destemodo, não faremos uma análise criteriosa de todos os pontos que a pesquisa possa oferecer, mas analisaremos os principais pontos de falas que foram delimitados as práticas empreendedoras relacionadas com o feminismo em Delmiro Gouveia.

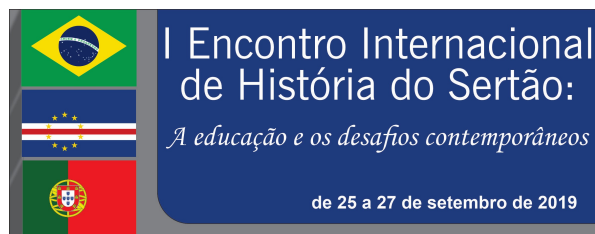
As nossas mulheres empreendedoras entrevistadas também foram identificadas por seus nomes, já que todas as participantes assinaram as devidas Cartas de Cessão sobre o uso dos dados. O perfil pessoal das empreendedoras entrevistadas é o de mulheres (entre 40 e 74 anos); maioria menos escolarizada (Ens. Fundamental), casadas com filhos (entre dois e sete filhos) e ativamente ocupada com a condução de seus empreendimentos, aos quais dedicam cerca de 10 horas diárias (carga horária extensiva, que mal utilizam duas horas de almoço).

Apesar de contemplar uma grande diversidade, os empreendimentos com fins lucrativos comandados por mulheres tendem a se constituir como microempresas, com menos de 06 funcionários (maioria). O aspecto mais marcante encontra-se no setor de serviços voltados à feira e, secundariamente, no setor de comércio (papelaria, restaurantes, armarinhos, e no ramo de pisos entre outros).

Outro dado analisado está no ato do empreender, ou seja, pode ou não está inteiramente ligado às paredes de uma empresa, assim como ramos informais ou alternativos (feira, por exemplo), que esboçam artifícios e relações gerenciais, obedecendo às linhas estratégicas e metas a serem obtidas.

### **Lugar de fala: suas vozes, suas vidas e resultados**

Em uma breve, descrevo muitas obras que relatam a cidade de Delmiro Gouveia e sua construção, é notória a invisibilidade das mulheres. Ainda que a fábrica tenha significado de ser construída em cima de uma mão de obra mesclada de homens e mulheres, pouco se é dado



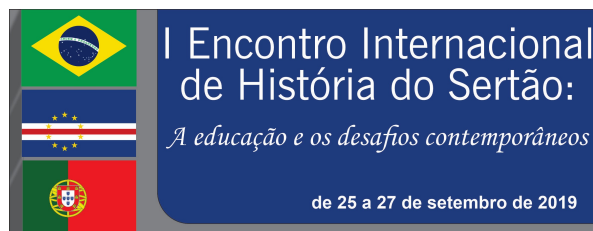
à história das mulheres delmirenses, mas o que se sabe é que os cargos muitas vezes ocupados por nossas mulheres são de posições inferiores e mal remuneradas, apesar da fábrica ter possuído 1500 operários nos primeiros anos de Pedra no qual dessa mão de obra “ 700 eram mulheres, 400 eram homens, e 400 crianças” (CORREIA apud MELO, 1998, p. 231) mulheres que aparecem na condição de operárias e em profissões quase que raras como professora, em Pedra. Assim também os espaços geográficos tornam mais precárias com “O isolamento do sertão, as condições locais de povoamento, as condições ambientais de clima e a formação de uma sociedade patriarcal altamente estratificada influíram nas especificidades do sertão” (KNOX, 2010, p. 275).

Partindo então desse pressuposto histórico de Delmiro Gouveia, o empreendedorismo feminino em Alagoas ainda é uma temática que pouco foi investida, até então. De tal modo como na fala de Lourdes destaco essa impessoalidade ao seu trabalho como a denominação empreendedora: “Minha ‘fia’ eu nem sei te responder essa palavra... se sou empreendedora, se sou só trabalhadora, só isso que eu sei lhe dizer...” (CAVALCANTI, M., 2019)

O estranhamento do termo empreendedorismo ainda é bem presente, poderíamos afirmar pelas condições geradas e a falta de estrutura da mesma. Faz pensar o porquê destacar uma mulher que não se vê como empreendedora?

Sendo assim pode ser respondida quando afirmamos que a identidade e a ideia de pertencimento não equivalem apenas pela profissão exercida por Lourdes, já que uma das entrevistadas que difere da resposta da primeira entrevistada que exerce o mesmo ramo, no qual Hélia se considera como empreendedora: “Trabalhar no comércio [...] Viajo, trabalho todos os dias, viajei... Acabei de chegar, que eu fui fazer as compras para vender. ” (CAVALCANTI, H., 2019)

O termo empreendedorismo é algo que não é muito utilizado ou nulo pelas duas feirantes, mas vale salientar que a profissão exercida enquanto feirantes donas de seus próprios negócios como outras profissões informais se auto intitulam empreendedoras, se destacando como empreendedoras que inovaram, para um ramo que muita fora ocupado por homens, por ser um trabalho mais braçal e visto como um mercado informal puxado e mal remunerado.



Outro lado as duas entrevistadas também que vale salientar, são mulheres negras e ocupam uma área que não tem uma viabilização de preparação de mais estudos. Portanto outro fator são posições de classe média/popular podem ser dados pelos fatores étnicos entre essas duas empresárias, que precisam ser refletidos nas oportunidades que lhe foram escassas, seja pelo perfil étnico racial, ou por oportunidades ocorridas no mercado de trabalho das desigualdades quando comparado com as outras entrevistadas que tem uma classe média alta e são brancas.

Portanto ao refletir espaços e identidade é possível ver quanto ainda as desigualdades possam pesar nos cargos ou termos assim adotados por cada umas das entrevistadas, mas não irei aprofundar muitos os problemas da construção sociocultural de aspectos da divisão de cargos em sua maioria por divisão étnica racial presente no país, mas que são presentes na realidade de nossas empresárias e sertanejas. Como afirma a filósofa Sueli Carneiro (2009):

O racismo é assim, cruel. Ao instituir a superioridade de um grupo racial e a inferioridade de outro, gera diversas perversidades. A excelência e a competência passam a serem percebidas como atributos naturais do grupo racialmente dominante, o que naturaliza sua hegemonia em postos de mando e poder. Nunca ouvimos alguém se levantar, além da minoria de mulheres feministas ou militantes negros, quando o secretariado é composto em sua totalidade por homens brancos. Encara-se como natural. Não se coloca em questão se a competência ou a qualificação técnica foram devidamente contemplada nas nomeações. (CARNEIRO, 2009, p. 5)

É crucial entender o que a autora chama de ‘dobrar o delito’ através de Foucault. O termo está associado não por se referir à mulher, mas às condições criadas e naturalizadas que iniciam esses preceitos (ausência feminina negra), que servem como uma afronta pública e ameaça a que entrava o domínio majoritariamente. Também que existam outros grupos, a mulher negra, para autora, toma a carência preponderante no cenário político e de poder, ou seja sendo assim também em ramos que a coloquem ou demandem cargos hierárquicos elevados.

Um dos pontos que também é importante refletir é sobre a mulher negra enquanto obstinação. Tal termo por um alto grau fora esquecido no tempo, ou até mesmo não cogitada, é quase nula e escrito como propriedade mesmo que indigna a denotação para a construção de resistência da mulher negra: trabalhou igualmente ou mais que o homem nada lhe foi escrito ou articulado. Pois, além de não existir distinção de tarefas escravas do sistema do período,



esse acúmulo de atividades começava mais cedo com o lar, marido e filhos, mas sempre foi dada a sombra do esquecimento por isso a fragilidade de trabalhar mulher negra e resistência para a socióloga Ângela Davis (2016) como uma das problemáticas fundamentais.

Contudo, também vale salientar que o bem maior pode equivaler também as honrarias destinadas para uma maior atuação das mulheres nos campos dos negócios, a exemplo em específico é ao que confere do prêmio nacional para categoria, Sebrae Mulher de Negócios:

O prêmio é uma parceria entre o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil (BPW), com apoio técnico da Fundação Nacional da Qualidade (FNQ). (Prêmio Sebrae Mulher de Negócios, 2019).

A despeito de ser um dos prêmios que começam a visibilizar as microempresas de mulheres e ainda para empresárias individuais, apesar disto é notório que empreendedoras de ramos informais e sem cadastro no órgão responsável se fazem excluídas desse prêmio. Por mais que existam categorias individuais, pois o despreparo e a falta da informação ainda são dados por uma ampla parcela da categoria as próprias notas lançadas pelo Sebrae explicitam através das investigações e das inscrições realizadas, o SEBRAE de Alagoas afirma em reportagem :

Em 2009, mais de 3 mil mulheres se inscreveram no prêmio em todo o Brasil. Em Alagoas foram 55 inscritas, sendo 24 da capital e 31 do interior. Para concorrer, cada candidata relatou sua história e sua experiência empreendedora, contando seus desafios, medos, preconceitos enfrentados e tudo aquilo que foi relevante para o seu sucesso empresarial [...] De acordo com a pesquisa realizada pela Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2007), as mulheres representam 52% dos empreendedores do país, atuando em diversos setores e atividades. O prêmio, promovido pelo Sebrae, em parceria com a Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil (BPW – Brasil), a Fundação Nacional da Qualidade (FNQ) e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), tem o objetivo de reconhecer e valorizar essa força de trabalho tão importante para a economia do país. (SEBRAE- ALAGOAS, 2019)

Oliveira levanta uma compreensão multifacetada sobre empreendedorismo feminino; além dos caminhos que percorrem para diferenciar de um empreendedorismo tradicional e colocar para a categoria de gênero, no qual continua afirmando que:

Olha ser uma mulher empreendedora é... aquela mulher que... que tem coragem para tudo. Empreendedorismo não é somente você está inserido no mercado de trabalho. Na área de produção, na área de comércio... não é? Empreendedorismo para mim é você ter coragem para enfrentar todas as batalhas na sua vida, é você ter



coragem para acompanhar o mercado de trabalho, é você ter coragem para assumir a sua função com a sua família, é você ter coragem para se colocar à frente das... das... dificuldades e encontrar as soluções para os seus problemas. Ser uma mulher empreendedora é isso... nunca baixar a cabeça, nunca se sentir superior, muito menos inferior a ninguém. (OLIVEIRA, 2019)

Para complemento a fala de Vânia destaco as práticas sobre a superação e se reinventar em meio as dificuldades tanto empresariais quanto familiares, exemplo este é o dado fato de conseguir resgatar uma empresa do vermelho, gerando um capital positivo:

[...] Houve uma situação de uma loja de Petrolândia, que era de um cunhado meu, era da minha cunhada anteriormente, ela deixou uma dívida muito grande [...] com 4 anos a empresa estava 'quebradíssima'... Estava com uma dívida horrível. [...] meus olhos brilharam e esse brilho eu tenho certeza que é do empreendedor [...] eu tinha essa vontade de... de pegar essa empresa, como eu tive, aí eu disse: quem vai tomar conta dessa loja sou eu. [...]eu peguei o que tinha de positivo, que que tinha de negativo e 800.000,00 mil menos o que tinha lá (empresa) de coisas, eu abati e deu - 578.000 negativo[...] fiz uma nova estrutura, mudei a frente da loja, a gente pegou um terreno baldio, que tinha lá atrás, falou com dono fizemos uma cobertura e um depósito lá, para fazer e descarregamento por outra rua, e não mais pela rua principal[...]. Hoje em dia empresa vale R\$ 800.000,00. Aí era uma coisa que era lá no começo... né? Então agora, quem foi que fez isso? Fui eu não, foi um trabalho coletivo, foi um pensamento, meu pensamento como empreendedora. (PATRICIO, 2019)

Se observa a capacidade de se inovar e reinventar-se em meio as dificuldades é a característica das empreendedoras quando comparado com a fala da entrevistada Oliveira, tomamos isso como uma das vertentes empreendedoras de duas empresárias quanto da Patrícia. Também possível enfatizar na fala da psicóloga Eva G. Jonathan:

A crescente participação das mulheres no empreendedorismo brasileiro indica o grande potencial econômico e a significativa contribuição do empreendedorismo feminino para o desenvolvimento do país. [...] Por outro lado às mulheres deixam seus empregos formais para criar suas empresas evido a três fatores, ordenados pelo seu grau de importância: 1) autodeterminação, autonomia e liberdade; 2) desafios e atrações do empreendedorismo, envolvendo aspectos como reconhecimento e oportunidade de estar no controle do seu destino; 3) obstáculos ao desenvolvimento dentro de corporações, envolvendo descompasso com a cultura corporativa, discriminação e barreiras de desenvolvimento profissional [...] flexibilidade do horário bem como familiares [...] que impulsionam mulheres empreendedoras a desejarem ser seus próprios patrões. (JONATHAN, 2011, p. 67)

As dadas falas se tornam semelhantes e lançam a parte da concordância dos papéis femininos em meios aos empreendimentos, tomam para si, chamado de reerguer-se, que confiro aqui na interpretação de buscar novas alternativas e usá-las com sabedoria, a visão



real do que se designa um dos perfis das empreendedoras, como destaca a Patrício. As duas empresárias também nutrem o formato de empresa familiar, no qual muitas vezes é uma estratégia que deslocam e intencionam os papéis dos gêneros mulheres em liderança e outros familiares do sexo oposto como destaca Grzybovski:

Dado que os homens historicamente assumem cargos de executivos em empresas familiares, é tentador conhecer o estilo de gestão das mulheres que venceram as adversidades, superaram barreiras de gênero, a falta de eficácia na persuasão de outrosacionistas poderosos e ressentidos com a sua posição, a resistência de irmãos e parentes à sua ascensão, a lentidão na decolagem inicial ou insegurança em áreas operacionais, isto é, nas atividades-fins, devido ao despreparo pessoal, às relações patronais ou institucionais, lobbying, por exemplo, prejudicadas pelo preconceito quanto ao papel empresarial da mulher. (GRZYBOVSKI, 2002, p. 191)

A economista Grzybovski traz que apesar das mulheres tomarem posições de destaque em suas empresas o preconceito e as capacidades são sempre postas à prova, ao comparar a síntese da afirmação da autora com a nossa empresária Patrício, evocamos as disparidades ainda que advêm ignoradas em muitos setores de tal discriminação:

[...] é uma empresa familiar, e assim, existe uma competitividade entre... uma competição que não tinha necessidade de existir, porque eu sou muito boa em umas coisas e ele é excelente em outras, e juntando os dois se completa e se forma, tá entendendo? O tanto que são 20 pessoas que trabalham comigo, mas eu meus dois filhos e mais outras pessoas. Então quando soma, cada um vem com uma ideia diferente, tem uma função diferente, e um não... não fica, no setor e não sobrevivem sem o outro. Todos os setores são interligados 'né' verdade? É tipo uma família, agente precisa um do outro sempre. (PATRÍCIO, 2009)

Por conseguinte, ao trazer o empreendedorismo em pauta, não podemos apenas nos limitar a ele como isolado e dos problemas enfrentados, existe uma interação do feminino. Assim foram correlacionadas perguntas que também buscassem compreender e destacar como o feminismo interagem com o empoderamento ou não de cada uma das nossas mulheres, quando abordado sobre o feminismo se importante para carreira feminina nos negócios.

Sim, a gente acredita que a mulher como mulher ela não vai tomar o espaço do homem, mas ela tem que agregar valores, né? Deixar um legado como... Como mulher e fazer com que as outras mulheres tenham a mesma referência, né? Porque unindo é que faz a força, né? Quer dizer o legado é importante, o...o... disponível é importante, e terminar, sendo uma soma para o auto estima, para todas as mulheres serem independentes financeiramente. (BEZZERA, 2019)



O feminismo é entendido de diversas maneiras, mas uma das formulações dadas pela empresária Bezerra é sobre as igualdades dos espaços. No trecho “tem que respeitar o espaço do homem”, enfatiza o entendimento de como a mulher deve ser independente e traz modos que contribuam socialmente. Assim, é encarado um feminismo de igualdade e os negócios são a extensão da garra e luta da empresária, para que possa inspirar mais mulheres a lutar e ter garra no que se pretende fazer para melhor estar consigo mesma.

Assim como afirma a pesquisadora Rose Muraro (1992):

Diabolicamente o sistema nos carimbou a todos até o mais íntimo do nosso ser, até a própria identificação como seres sexuados; e isto através do processo durará milênios. Agora, contudo, entramos em um mundo masculino e temos a dupla jornada de trabalho (doméstico e produtivo) justamente por esse caráter ‘egoísta’ do homem e ‘altruísta’ da mulher[...]a posição de ambos os gêneros dentro do domínio privado. Nos primeiros tempos em que a mulher entrou no domínio público. (MURARO, 1992, p. 189)

Assim como Muraro tal imagético discursivo do sertão e de nossas mulheres ainda tem que tornam transformações cada dia mais relevantes, sua imagem vendida nos meios comunicativos e sulistas ainda tem uma transferência negativa como afirma imagético discursivo do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999). É um termo que uso para explicar a supervalorização calcada ao Sul e os estereótipos e meios de reprodução “do atraso” por diversificadas formas de menosprezo ao nordestino e ao espaço geográfico no qual limita todo o nordeste a uma única forma de sofrimento, aridez, atraso e a pouca prática intelectual, termo discutido pelo historiador.

### **Considerações finais**

A partir de tal contexto problematizando o trabalho de nossas mulheres de negócios, consideramos importante a abordagem reflexiva para a análise de tal espaço, para análise dos perfis das entrevistadas aqui traçados, mesmo que, não seja perceptível, a primeiro modo vê tais fatos as desigualdades recorrentes e a acumulação de tarefas, e que por si só não compreendidos tão facilmente. Suas falas são os primeiros efeitos de uma nova linha tênue e complexa das relações de trabalho, lar e lugar discursivo. Portanto são as formas as quais nos projetam socialmente com aversão ao papel de vitimismo imposto.



Podemos enxergar profundamente práticas para um empreendedorismo feminino qualificado em Delmiro Gouveia, quando se compara com o cenário geral brasileiro, mas muitas foram às conquistas de nossas mulheres sertanejas. Talvez, a grosso modo foi o que motivou não somente nossas mulheres a serem donas de seus negócios, mas teve parcela enorme quando tentam equiparar melhores condições de vidas, participação na divisão das contas, conforto familiar e a independência financeira complementam as principais pautas das motivações de ser dona do seu próprio negócio.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. FGV Editora, 2004.

BARROS, José. D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARNEIRO, Sueli. "Mulheres Negras e Poder: um ensaio sobre a ausência.". **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: , n. 1ª impressão., p. 1-15, (2009).

CESTAROLLI, Priscila. Lugar de mulher é nos negócios. **ENDEAVOR**, 2016. Disponível em: <https://endeavor.org.br/tomada-de-decisao/lugar-de-mulher-e-nos-negocios/>. Acessado em setembro de 2019

DAS NEVES MONTEIRO, Isaque; DE SOUZA LIMA, Stivensam Luiz; OLIVEIRA, Lucas Alexandre. Mulheres empreendedoras: do anonimato à conquista plena. In: **Anais eletrônicos do III JOIN - Jovens Investidores / edição Brasil**, V. 1, 2017, ISSN 2594-8318, 2017

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

FOUCALT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo- SP: Edições Loyola, 1996.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.

KNOX, Miridan. Mulheres no sertão Nordeste In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla. Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

MURARO, Rose Marie. **A mulher do terceiro Milênio: uma história da mulher através dos tempos e a perspectiva do futuro** / Rose Marie Muraro. – Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos, 1992.





PERROT, Michelle.; DUBY, Georges. **História das mulheres: o século XIX**. Lisboa:Afrontamento, 1991.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História Operários. Mulheres e Prisioneiros**. [S.l.]:[s.n.], v. 2, 1988.

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela MS Corrêa. SãoPaulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

POMBO, Adriane Alvarenga da Rocha. **O que é ser empreendedor**. SEBRAE, 2003.Disponível:<[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEAD6407D759003256D520059B1F8/\\$File/NT00001D9A.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEAD6407D759003256D520059B1F8/$File/NT00001D9A.pdf)>. (Balcão Sebrae – DistritoFederal). Acessado: 20 de dezembro de 2018 p. 1-3

SAFFIOTI, Heleieth; **Gênero, Patriarcado, Violência/ 2 ed.** – São Paulo : Expressão Popular:Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan Wallack. Prefácio a genderandpoliticsofhistory. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

SOIHET, Rachel; “História das Mulheres” In: **Domínios da história: ensaios de teoria emetodologia/**. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro:Campus, 1997.

#### REFERÊNCIAL ORAL

BEZERRA, Jacira Carvalho da Silva. In: **Acervo Pessoal- Entrevista realizada 13/02/2019**, Delmiro Gouveia - Alagoas.

CAVALCANTI, Maria de Lourdes Andrade. In: **Acervo Pessoal - Entrevista realizada13/02/2019**, Delmiro Gouveia - Alagoas.

CAVALCANTI, Helia Bezerra. In: **Acervo Pessoal - Entrevista Realizada 13/02/2019**,Delmiro Gouveia - Alagoas.

OLIVEIRA, Maria Vânia Araújo Silva. In: **Acervo Pessoal – Entrevista realizada15/02/2019**; Delmiro Gouveia - Alagoas.

PATRÍCIO, Estelaine Crisostomo. In: **Acervo Pessoal – Entrevista realizada – 09/03/2019**,Delmiro Gouveia - Alagoas.